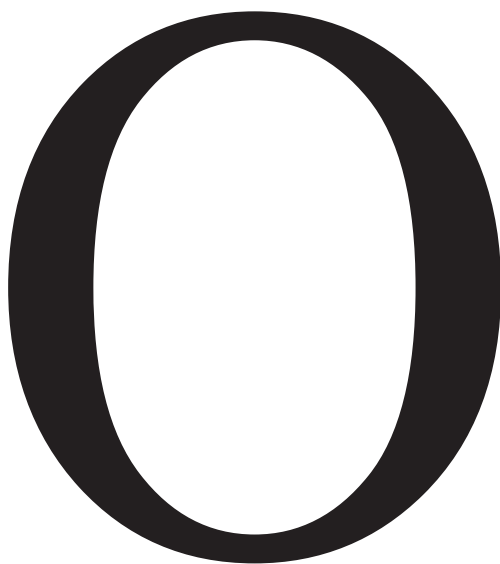


# O contexto funerário do povo cita: um estudo arqueoetnológico

*Andrea Piccini*



## ORIGEM DO POVO CITA

s estudos abordados neste texto inserem-se na área da arqueologia e da etnologia, tendo como objeto os diversos processos envolvidos na manufatura do material artesanal funerário e sua expressão simbólica no contexto do

---

Este texto é resultado de atividade de pesquisa para o pós-doutorado no Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (Larp) do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da USP, sob orientação de Mabel Isabel D'Agostino Fleming.

Agradecimentos: Maria Bekk, do Departament Littéraire de la République de Khakassie, Sibéria do Sul, Rússia; e Leonid Eremin, arqueólogo do Musée National de Khakassie, Sibéria do Sul, Rússia.

---

**ANDREA PICCINI** é pesquisador associado do Larp/MAE-USP e autor de *A influência da arquitetura islâmico-árabe na Ásia Central* (Annablume).

povo cita, cuja origem ancestral ocorreu no atual território da Sibéria do Sul, na Rússia.

O estudo *in loco* visa a apresentar e esclarecer a trajetória desse povo nômade, de origem eurasiática, ao longo de vários séculos, exclusivamente por meio de suas construções funerárias características, os kurgans. A palavra *kurgan* pertence à língua dos povos prototurcos da região do Lago Baikal, na atual Sibéria do Sul, com o significado de “colina funerária que protege a tumba”. É um dos principais legados de um período de nomadismo e trajetórias de assentamentos humanos temporários desse povo caracterizado por uma rica cultura, ao longo dos séculos IX a.C. e II d.C.

Os valores culturais, sociais e antropológicos dos citas foram evidenciados por meio da tipologia usada para sepultar o morto com todos os seus pertences sob uma colina artificial. As atividades xamânicas estavam tanto na base da vida cotidiana quanto no kurgan, com todos os artefatos de pós-morte que o acompanhavam.

Compreender esses valores não foi uma tarefa fácil, pois não existem relatos testemunhais escritos sobre essa população no período histórico pesquisado. Há relatos sobre os citas em períodos posteriores em locais fora desse território de origem, entre a região de Tuva, atual Kizil, Abakhan, na atual região da Khakassia, e o Lago Baikal.

Até o século VIII a.C. a área de nomadismo desse povo compreendia as estepes eurasiáticas entre o Lago Baikal e os Montes Altai. Depois do século VIII a.C. até o século IV a.C., os citas superaram os Montes Altai e então formaram-se duas áreas de nomadismo das estepes eurasiáticas; uma, mais ao norte, entre os Montes Altai e os Montes Urais, e a outra, contemporaneamente, mais ao Sul, entre os Montes Altai e o Mar Cáspio.

Pelos estudos de vários autores, as tribos dessas regiões, nos últimos 10 mil anos, dedicaram-se a atividades pastoris, sempre mantendo um modo de vida nômade ou seminômade, introduzindo e alternando períodos de atividades pastoris com agrícolas, devido às estações, nas diferentes regiões.

Desde o século V a.C., expandiram-se pela Ásia Central ao longo de vários séculos, ocupando espaços no comércio, na base de trocas de produtos não encontrados nas estepes, principalmente nas rotas comerciais, que colocavam em comunicação as regiões do extremo norte do Ocidente, desde a Sibéria, além dos Montes Altai, pela Rota das Estepes, e ao sul do atual território da Índia, por meio da Rota da Seda, que ligava a China ao Mediterrâneo Ocidental.

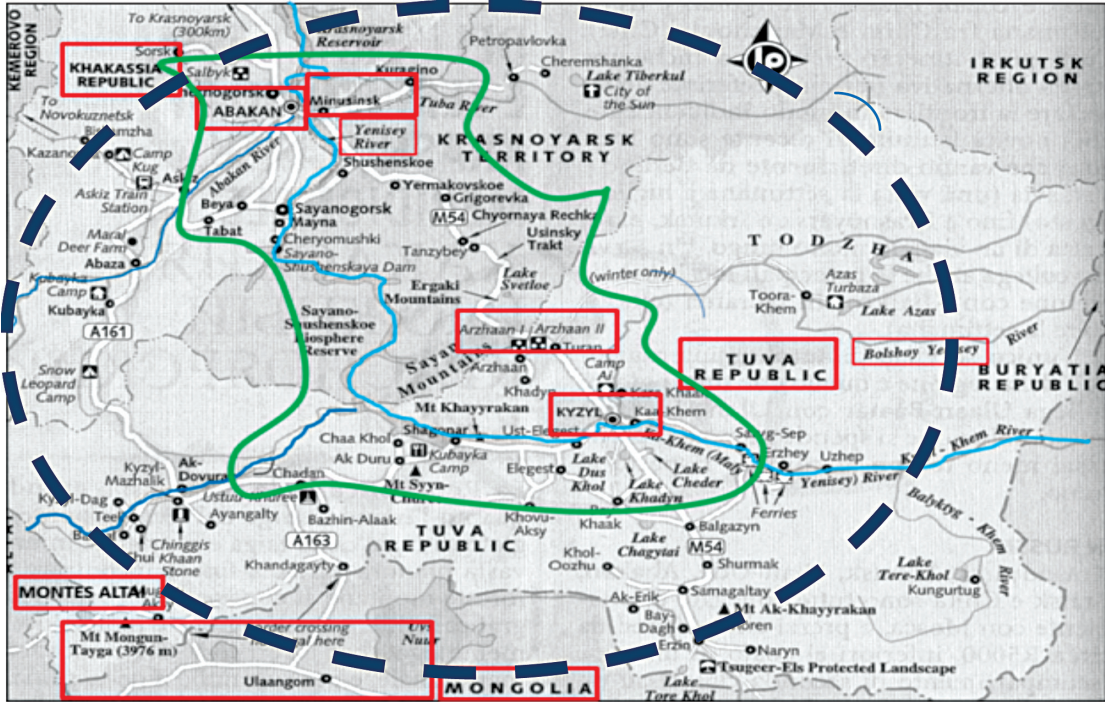
Os nômades citas conviviam em um sistema intertribal de parentesco por meio de casamentos mistos reunidos em uma confederação de tribos de mesma linhagem linguística e cultural, entre os séculos VIII a.C. e o último Império Cita do Cáucaso, no século II a.C.

Trata-se de um povo que envolvia seus conhecimentos materiais e espírito-rituais numa continuidade visível na disseminação de suas práticas funerárias e mortuárias xamânicas, sempre presentes nos kurgans. Foi o único povo dessas regiões a sepultar seus mortos nesse tipo de estrutura arquitetônica e sem deixar relatos escritos.

## **KURGANS: TESTEMUNHOS ARQUEOLÓGICOS EM VIDA E NA MORTE**

O kurgan constitui uma tipologia funerária de forma arquitetônica inovadora, construído de maneira a ser visto de longe.

Antigos e atuais territórios xamânicos



A cor azul tracejada limita o território ancestral da região; as marcações vermelhas mostram as partes mais importantes ainda com presenças arqueológicas relevantes; e a cor verde define o território central ainda marcado pela presença de sítios arqueológicos e de atividades xamânicas

Normalmente, nesses terrenos, encontram-se presentes outras tumbas menores, com personagens de menor importância na sociedade, mas que faziam parte da família ou tinham alguma relação de parentesco com o chefe, príncipe, rei ou guerreiro sepultado na tumba central. Atualmente ainda se pode encontrar, nessa estrutura funerária, toda a produção de ricos artefatos do período da cultura cita.

A estrutura do kurgan, da tumba e do sarcófago, era feita da madeira de um tipo de pinheiro de montanha, e toda a estrutura da área maior era sustentada de troncos de bétula. A cortiça dessa árvore era usada também para fechar a superfície interna da

estrutura, tanto das paredes quanto do teto, o que, ao longo de séculos, ia congelando e a tornava impermeável, sem apodrecer. As construções do período cita dos séculos VIII-VII a.C. eram cobertas por vários níveis de pedras vulcânicas locais, terra e grama, como podemos ver, por exemplo, na Imagem 1.

Essa tipologia, como podemos ver na maquete de Arzhaan 1, Museu de Abakhan, séculos IV-III a.C. (Imagem 2), possui cobertura e estrutura interna para proteção da câmara mortuária no centro da tumba, escavada abaixo da terra, a qual, na sua maioria, era exclusiva para personagens importantes da comunidade.



Nos kurgans do Vale dos Reis são visíveis os pilares de pedras que fortalecem as grandes paredes dos muros externos de proteção, limitando a área sagrada e recobrimdo as tumbas de madeira. A única entrada da área sagrada também era protegida por grandes portais de pedras apoiados em altos pilares, como no kurgan de Arzhaan 1, séculos IV-III a.C. (Imagem 3).

O complexo funerário de Anchil Choong Arzahan, no Vale dos Reis, séculos V-II a.C. (Imagem 4), comporta uma grande quantidade de tumbas, sendo a tumba central,

bem maior e mais visível, destinada aos personagens mais importantes da comunidade, e as outras menores ao redor, para familiares e serviçais.

A Imagem 5 (à esquerda) mostra o sarcófago de Arzhaan 1, Museu de Abakhan, com esqueleto acompanhado de quantidade de elementos em ferro, como armas e outros de uso para cavalo; à direita (acima), são visíveis os restos de esqueleto do cavalo que acompanha o seu proprietário na tumba; e, abaixo, múmia encontrada nesse kurgan.

Fotos: Andrea Piccini





5



## CULTURA XAMÂNICA E MUNDOS PARALELOS: SIMBOLISMOS E RITUAIS PARA VIAGENS EXTRACORPÓREAS

O levantamento em campo nos permite estudar a relação das práticas e cultura xamânicas no cotidiano do povo cita por meio dos mais antigos testemunhos arqueológicos, a partir de 7 mil anos a.C.

Os citas praticavam rituais funerários complexos, com uma técnica de conservação dos corpos mumificados por congelamento embaixo da terra, cuja organização servia, segundo a crença xamânica, para manter o morto entre os vivos e ainda possibilitar que ele viajasse para o mundo superior ou mundos paralelos. A pouca profundidade da tumba, portanto, devia-se ao fato de que os espíritos “viviam” ainda no mundo entre os humanos, podendo eventualmente viajar a mundos paralelos, como se estivessem vivos numa outra dimensão.

Dependendo da classe social, o grande espaço interno dos kurgans funcionava como um mausoléu, pois o morto era acompanhado de seus muitos serviçais, suas concubinas e esposas. Em alguns kurgans foram encontrados até 50 corpos dos dois sexos, além de um grande número de cavalos.

A embalsamação de corpos humanos e de animais de propriedade do morto também fazia parte do ritual funerário. Os corpos eram inteiramente lavados e, após receber uma camada de cera, eram abertos na parte do ventre, do qual eram retirados o intestino e outros órgãos para impedir a putrefação. Em seguida, os vazios eram preenchidos com raízes específicas de plantas, incenso e cera de abelha.

O corpo era aquecido para que a cera pudesse recobri-lo inteiramente num processo de impermeabilização. Eram queimados incensos e ervas perfumadas para preservar o lugar do eventual mau cheiro, lembrando assim os bosques da paisagem siberiana.

O cavalo, considerado um animal mítico e nobre, era adornado com todos os seus arreios, sela e montaria recobertas de ouro e peles preciosas desenhadas com símbolos xamânicos relacionados à continuação da vida no outro mundo paralelo. Na Imagem 6 vê-se a reconstrução de uma sepultura do século III a.C., que apresenta cavalos sacrificados e embalsamados junto aos corpos do casal no interior do kurgan.



O cavalo também era uma manifestação da vitória de seu dono, provavelmente um príncipe guerreiro. Podia ser ornado com grandes chifres, como os de um cabrito montês, símbolo de força e respeito, e, portanto, de poder, como se observa na Imagem 7 (Museu de Khakassia). Já o príncipe guerreiro era sepultado com vestimenta bordada em ouro (Imagem 8).

O estudo do instrumental mítico é importante no sentido de reafirmar a simbologia de superioridade física e espiritual de uma



Fotos: Andrea Piccini

linhagem de guerreiros, como claras manifestações de domínio, tanto sobre adversários quanto sobre povos aliados. Tais demonstrações pelo exercício de atividades exclusivas de poder eram relacionadas às manifestações do xamanismo por meio de um mergulho no mundo paralelo e nas expressões de origens míticas, inscritas nas tatuagens ou ainda nos rituais sangrentos de vitória.

## OS MUNDOS PARALELOS



A Imagem 9 (século VI a.C.) é uma representação do mais antigo ideal xamã: o Mundo Superior, na parte de cima da figura, tem o dia com o Sol no centro do céu, e a noite, com as estrelas. Em seguida vem o Mundo Mediano, que corresponde às árvores com as folhas, os animais, como cavalos e cabritos monteses, e também os homens. Na parte mais baixa do desenho,

um arco vazio representa o Mundo Inferior. Nessa simbologia o homem está no centro da circunferência com orientação pela seta dirigida ao Sol.

Nas tradições xamânicas e tengristas dos citas, os elementos naturais da terra são

considerados divindades. O pico da montanha mais alta da região, por exemplo, era o deus Tengri, que governava todo o universo ou os céus e os mundos paralelos que compõem a Terra.

O xamanismo siberiano nasceu como uma soma de práticas ancestrais para dialogar com os deuses e os espíritos presentes no mundo dos humanos, numa ligação espiritual por meio do transe, sempre relacionado com eventos naturais, e na qual se estabeleciam os poderes mágicos, proféticos e de cura.

Na faixa mais baixa da Imagem 10, por exemplo, está esculpida uma face com uma boca estilizada, para pedir ajuda das sombras, e onde também poderiam ser colocadas oferendas com folhagens queimadas. Na parte central, o Mundo Superior é representado pelo espaço do céu com as posições do movimento solar ao longo do dia e, acima, os raios do Sol. A maioria desses totens ou monólitos em pedra representa uma visão do espaço em três faixas, nas quais a Terra circular com o céu e a parte dos vivos são ao mesmo tempo a vista da circunferência da Terra na visão do horizonte.

Nos petróglifos da Imagem 11 (séculos XV-XII a.C., Museu Martyanov, Minusinsk) estão presentes várias simbologias que regulavam a vida terrena. Na parte superior acima do arco da Terra são representados os movimentos do ciclo do Sol com as três pequenas circunferências, enquanto a linha horizontal no centro divide os dois mundos, Superior e Inferior. Os três pequenos desenhos cônicos acima do Sol são uma estilização dos raios solares. À esquerda, a figura no alto possui uma boca para oferendas aos deuses, a qual, nos períodos anteriores, consistia simplesmente numa fissura escavada nas rochas, sem desenhos da Terra. Mais



no alto, à direita, uma representação mais estilizada da Terra com os símbolos da posição do Sol e, mais abaixo, à esquerda, o símbolo da direção estelar.

Os menires em pedras eram esculpido com representações importantes da vida do morto. Na Imagem 12, por exemplo, o grande cervo, com chifres que simbolizam potência e sobem em direção ao céu, possui





a mesma simbologia, em forma de circunferência, para levar o morto à vida futura no Mundo Superior.

## POR UMA CONCLUSÃO PARCIAL

Parece interessante o fato de que os testemunhos arqueológicos no vasto território de origem do povo cita, por nós visitado e levantado, fazem parte de uma história fortemente nômade, mas como registro arqueológico comprovado nos territórios das migrações (Hodder apud Ribeiro, 2007). A riqueza desses testemunhos encontrados nos kurgans é importante também para uma leitura etnológica e antropológica, pois, ao longo da pesquisa, concluiu-se que o xamanismo foi parte central no contexto das práticas funerárias.

O xamanismo na área em estudo é considerado um fenômeno de crenças e práticas religiosas mais antigas nascidas na Sibéria, também difundidas atualmente em diferentes territórios tribais-ancestrais.

Por meio de pesquisa bibliográfica e, sobretudo, de campo, consideramos o xamanismo siberiano basicamente uma prática

funerária originária que ainda é considerada pela série de manifestações religiosas locais. Esse debate abrange, nesse caso pesquisado, definições, sociedades, épocas e períodos históricos, sobretudo pelos testemunhos das práticas funerárias dos kurgans.

Heródoto foi o primeiro autor a relatar a história do povo cita do Império do Cáucaso. Na sua *História*, ele afirma que o uso das práticas xamânicas, por ele definidas como “práticas religiosas exóticas e bárbaras”, era comum entre esse povo desde a sua origem, em um território desconhecido e bem mais tarde chamado de Sibéria.

Por outro lado, acreditamos que o xamanismo era e ainda pode ser uma forma de religião arcaica, misturando crenças, mitos, fenômenos naturais e tipos de sensibilidades psíquicas eventualmente exacerbadas por plantas estimulantes.

Nesse contexto, achamos muito interessante a afirmação de Mircea Eliade (2001, p. 81) mencionando a ideia do homem no centro do mundo, e em direção ao alto do céu, posição esta claramente visível nos desenhos e rituais xamânicos esculpidos nos totens. Segundo o autor, “viver perto do centro do mundo equivale, em suma, a viver o mais próximo possível dos deuses”, e assim “a intencionalidade decifrada na experiência do espaço e do tempo sagrados revela o desejo de reintegrar uma situação primordial: aquela em que os deuses e os antepassados míticos estavam presentes”.

Para este nosso estudo, na área de correlação entre arqueologia, cultura, antropologia e etnografia, também foram fundamentais os estudos de Childe (2004), sobretudo quando afirma que “uma importante tarefa da antropologia é estabelecer direções ou tendências gerais de forma a poder determinar

quais são os progressos da cultura de um povo para averiguar se as mudanças foram progressivas ou regressivas”.

Por fim, queríamos destacar que as sólidas provas desses restos arqueológicos, pesquisados e estudados no período entre os anos 1300 a 200 a.C., mostram um impor-

tante processo de trocas culturais ao longo do nomadismo dos citas. É clara a influência da cultura desse povo sobre outros e mesmo sobre comunidades menores, ao longo de um período em que o conjunto de mitos e práticas funerárias foi retransmitido e adaptado por meio de grandes migrações.

## BIBLIOGRAFIA

- ALTAICA, Issue 1-2-3. Ed. Altai International Centre for Humanitarian and Biospherical Researches. Novosibirsk, Rússia, 1993.
- AKE, Hultkranz. *Shamanic healing and ritual drama: health and medicine in native north american religious traditions*. New York, Crossroad, 1992.
- AMMERMAN, A.; CAVALLI-SFORZA, L. L. *The neolithic transition and the genetics of population in Europe*. Princeton, Princeton University Press, 1984.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo, Pallas Athena, 1990.
- CAVALLI-SFORZA, L. L. *Genes, povos e línguas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- CHILDE, V. G. *Foundations of Social Archaeology*. Selected Writing Of V. Gordon Childe. Walnut Creek, Altamira Press, Ed. Patterson, T.C. & Orse Jr, C.E., 2004.
- ELIADE, M. *O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- HERÓDOTO. *História. O relato clássico da guerra entre gregos e persas*. São Paulo, Prestígio, 2001.
- KORTLANDT, F. *The spread of the Indo-Europeans*, 2002. Disponível em: <http://www.kortlandt.nl/publications.pdf>.
- KUZMIN, YAROSLAV V. *The neolithization of Siberia the Russian Far east: major spatio-temporal trends (the 2013 State of the art)*. University of Arizona, USA, 2014.
- LEWIS, Ioan M. *Estatic religion: an anthropological study of spirit possession and shamanism*. Middlesex, Penguin, 1971.
- MARTINET, A. *L'indoeuropeo, lingue, popoli e culture*. Roma, Laterza, 2001.
- RENFREW A. C. *The archeology and language: the puzzle of Indo-European origins*. London, Pimlico, 1987.
- RIBEIRO, M. S. *Arqueologia da prática mortuária: uma abordagem historiográfica*. São Paulo, Alameda, 2007.
- RUDENKO, S. I. "Les sépultures de l'époque des Kurganes de Minoussisk", in *Antropologie*, XXXIX, Paris, 1929.
- SAUER, C. "Geografia cultural", in R. L. Corrêa et al. (orgs.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.
- SLAUGHTER, C. *Espada de Damasco, um produto da civilização islâmica*. Dissertação de mestrado. Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 2014.
- TRIGGER, B. G. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo, Odysseus, 1989.